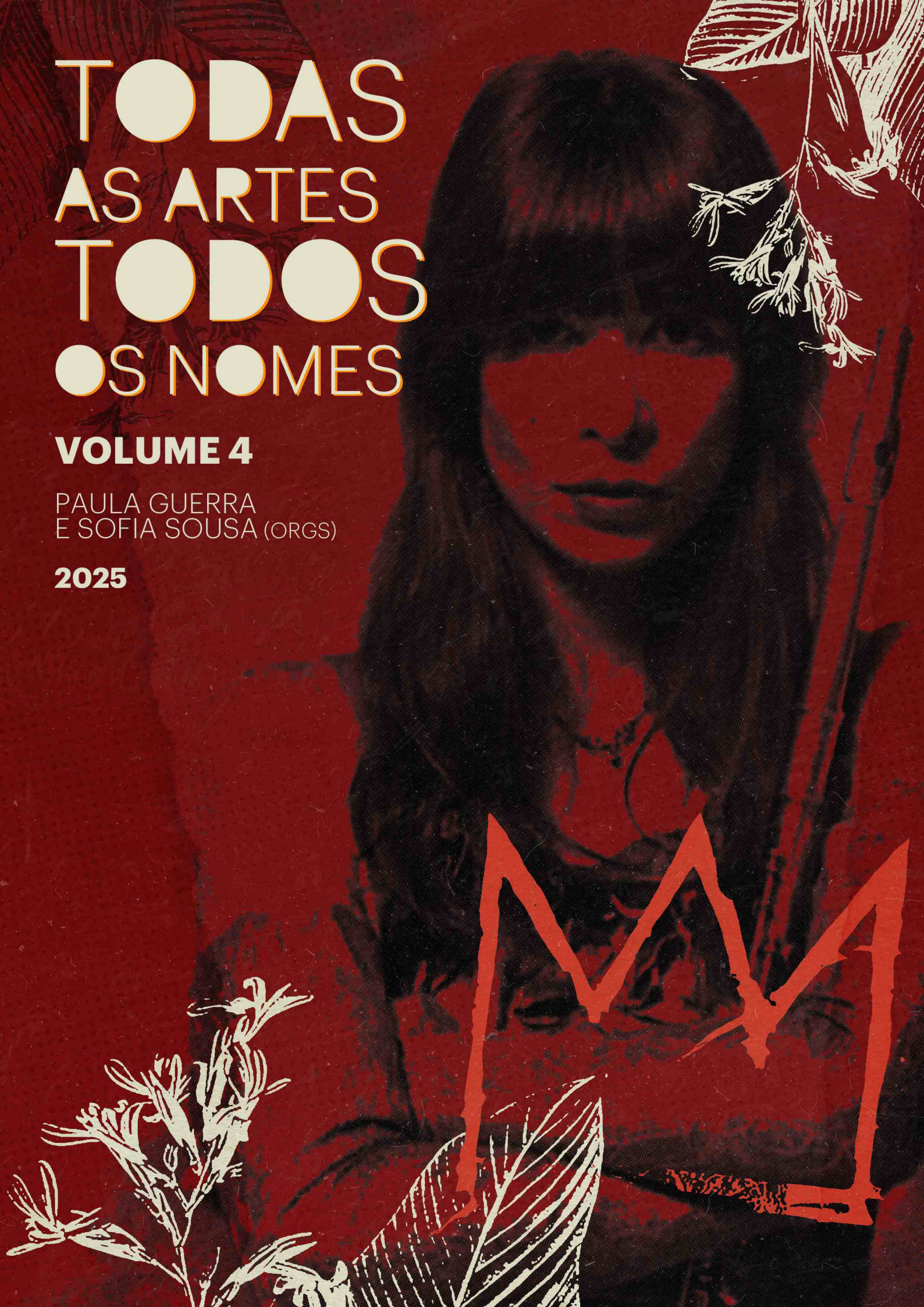




TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025



~~Todas as Artes
são os Nomes~~

CAPÍTULO 18



"PELISSIDADES": AS CINCO PELES DE HUNDERTWASSER EM CONVERSA COM A POÉTICA PESSOAL

"PELISSITIES": HUNDERTWASSER'S FIVE SKINS IN CONVERSATION WITH PERSONAL POETICS

João Victor Coser^[1]– Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Resumo

Este artigo examina obras artísticas do autor a partir das categorias de "Peles Macias" e "Peles Ásperas". Utilizando materiais como lã vermelha, plástico filme e o vermelho, propõe-se uma metáfora da pele que ultrapassa sua função protetora, explorando identidade e corporeidade. A análise das obras "Casa Fragmentada" (2016), "Este Produto Contém" (2016), "Editorial de Autodestruição" (2016), "Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1" (2018) e "Desalinhamento Estrutural" (2020) reflete sobre a relação entre corpo e mundo, inspirando-se na teoria das "Cinco Peles" de Hundertwasser, um pintor e arquiteto austríaco que enfatizava a harmonia entre ser humano e natureza. Por meio desse diálogo, busca-se ampliar a compreensão do corpo como um eixo de significação artística.

Palavras-chave: poética pessoal, hundertwasser, pele, corporeidade.

Abstract

This article examines the author's artistic works through the categories of "Soft Skins" and "Rough Skins." Using materials such as red wool, plastic film, and the color red, it proposes a metaphor of the skin that goes beyond its protective function, exploring identity and corporeality. The analysis of the works "Fragmented House" (2016), "This Product Contains" (2016), "Editorial of Self-Destruction" (2016), "Investigative Processes: Body Dive - Part 1" (2018), and "Structural Misalignment" (2020) reflects on the relationship between body and world, drawing inspiration from Hundertwasser's theory of the "Five Skins," an Austrian painter and architect who emphasized the harmony between humans and nature. Through this dialogue, the aim is to expand the understanding of the body as a central axis of artistic meaning.

Keywords: personal poetics, hundertwasser, skin, corporeality.

^[1] Artista Visual, mestre em Arte e Cultura pela Universidade Federal do Espírito Santo



1. Entrada

Este artigo explora a função do corpo como interface entre os mundos objetivo e subjetivo, destacando como a corporeidade humana é moldada pelo contexto sociocultural e pelas representações simbólicas. O corpo, entendido como um vetor essencial na construção de nossa percepção e interação com o mundo, é analisado a partir de suas funções fisiológicas, psíquicas e físicas, e de como as percepções sensoriais contribuem para a simbolização de novas experiências. Em consonância com essa abordagem, a pesquisa também apresenta os trabalhos artísticos “Casa Fragmentada”^[2] (2016), “Este Produto Contém”^[3] (2016), “Editorial de Autodestruição”^[4] (2016), “Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1”^[5] (2018) e “Desalinhamento Estrutural”^[6] (2020), tecendo aproximações com as alegorias simbólicas das peles de Hundertwasser, artista austríaco que delineia cinco peles, conceitos que envolvem uma construção simbólica no entorno do ser humano. Assim, pretende-se entender o corpo como fenômeno cujos sentidos são aguçados perante a materialidade das obras, sejam elas visíveis ou invisíveis.



^[2] Cóser, João. Casa Fragmentada. 2016. Série fotográfica com três imagens e um vídeo, 1,5m x 1,0 m e 9' 22". Acervo Galeria de Arte Espaço Universitário. Disponível em: <https://www.joaocoser.com/portfolio/>. Acesso em: 03 dez. 2024.

^[3] Cóser, João. Este Produto Contém. 2016. Série fotográfica, 40 x 60 cm. Acervo particular. Disponível em: <https://www.joaocoser.com/portfolio/>. Acesso em: 03 dez. 2024

^[4] Cóser, João. Editorial de Autodestruição. 2016. Vídeo-performance, 5' 42". Acervo particular. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3K3_YU_l8PQ. Acesso em: 03 dez. 2024.

^[5] Cóser, João. Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1. 2018. Instalação interativa, 2m x 2m x 3m. Realizada na exposição Territórios Internos, 2018. Disponível em:

^[6] Cóser, João. Desalinhamento Estrutural. 2020. Série fotográfica com oito imagens e um vídeo, de dimensões variadas e 0' 17". Acervo particular. Disponível em: <https://www.joaocoser.com/portfolio/>. Acesso em: 03 dez. 2024

A “pelissidade” – termo criado nesta pesquisa para designar proximidades conceituais e “figurativas” com a pele – aproxima os conceitos de Hundertwasser sobre as cinco peles, transportando-os para as ideias de Peles Macias e Peles Ásperas. Tais títulos funcionam como uma classificação dos trabalhos apresentados. Aqui, as “pelissidades” são as “matérias de cena” nas performances orientadas para fotografia e vídeo, como é o caso da cor vermelha, da lã (vermelha) e do filme plástico, apontados nesta pesquisa como elementos recorrentes dos meus trabalhos. Friedrich Stowasser, mais conhecido como Hundertwasser (1928-2000), foi um pintor, arquiteto, ecologista e ativista político. Nascido em Viena, Áustria, em 15 de dezembro, filho de mãe judia e pai ariano, Hundertwasser sobreviveu ao Holocausto junto com sua mãe. Ele estudou na Academia de Arte de Viena e, em 1949, adotou o nome artístico de Hundertwasser, numa brincadeira com o significado de seu sobrenome original: “Sto” em eslavo significa “cem”, que, adaptado ao alemão, tornou-se Hundertwasser, ou “cem águas”. A trajetória de Hundertwasser foi marcada por uma intensa atividade pictórica e realizações no campo da arquitetura, incluindo construções, manifestos antirracionalistas e ações em defesa de uma visão naturalista do ambiente. Muito antes de se falar em sustentabilidade, seus discursos, manifestos e pinturas já sublinhavam a importância da natureza e antecipavam soluções para o futuro do meio ambiente.

Conhecido por seus projetos sem linhas retas, que ele chamava de “instrumento do diabo”, e com cores brilhantes, jardins e elementos ornamentais burlescos, Hundertwasser destacou-se também por seus famosos telhados cobertos de vegetação, que protegem o homem e mantêm um estreito diálogo com o meio ambiente. Ele defendia o que chamava de “direito de janela”, uma reivindicação para que o homem se deixasse levar pela criatividade em harmonia com a natureza. Dessa maneira, este artigo examina como os trabalhos artísticos “Casa Fragmentada” (2016), “Este Produto Contém” (2016), “Editorial de Autodestruição” (2016), “Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1” (2018) e “Desalinhamento Estrutural” (2020) se relacionam com as alegorias simbólicas das peles de Hundertwasser. Introduzindo o conceito de “pelissidade”, a pesquisa conecta as ideias do artista austríaco com a classificação das minhas obras apresentadas, destacando elementos como a cor vermelha, a lã vermelha e o filme plástico. Esses elementos reforçam a compreensão do corpo como um fenômeno sensorial, enfatizando a importância da materialidade nas performances para fotografia e vídeo. A conexão com Hundertwasser enriquece a interpretação das “peles” na arte contemporânea e sublinha a relevância de seu pensamento ecológico e humanista.

2. O corpo antropológico

Em minha pesquisa, recorro a Le Breton (2012, 2016), que apresenta o corpo como um fenômeno social e cultural. Para ele, a corporalidade humana não é algo isolado; ela resulta das nossas experiências perceptivas. O corpo, segundo Le Breton, desempenha um papel central na expressão de sentimentos, na realização de rituais de interação, nos gestos e mímicas que formam nossa aparência e até mesmo na relação com a dor e o sofrimento. Ele analisa o corpo dentro de suas construções culturais e simbólicas, afirmando que o corpo é o ponto de partida de todas as significações que sustentam a existência tanto individual quanto coletiva:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. (Le Breton, 2012, p. 7)

Para o sociólogo, o corpo vai além de ser apenas um veículo físico. Ele é o meio pelo qual interagimos com o mundo, o modificamos e o simbolizamos. Essa relação com o mundo é mediada pelas nossas percepções sensoriais, que, além de nos conectar à realidade externa, ajudam a construir nossa compreensão subjetiva de tudo ao nosso redor. Como mencionei na introdução, o corpo atua como um vetor que organiza nossa interação com o ambiente, e aqui o entendo como um fenômeno que faz a transição entre o que sentimos do mundo e o que sentimos de nós mesmos.

A palavra "existir" tem origem no latim *ex-sistere*, que significa "ser para fora", indicando não só o ato de ocupar um espaço, mas também de estar inserido num contexto de significados culturais e valores atribuídos por meio do corpo. Portanto, o corpo encarna tanto o que é individual quanto o que é coletivo, moldando gestos, expressões e interações dentro de sistemas simbólicos e culturais. Le Breton (2012) argumenta que o corpo é uma fronteira entre o interior e o exterior, delimitando a individualidade enquanto reflete o ambiente social e as construções culturais. Quando aplico essa leitura do corpo aos meus trabalhos artísticos, como "Casa Fragmentada" (2016) e "Desalinhamento Estrutural" (2020), vejo como ela se expande para explorar não apenas a materialidade, mas também a sensorialidade desses trabalhos. Da mesma maneira que Le Breton vê o corpo como um campo de experiências sensíveis, essas obras propõem uma continuidade sensorial entre a carne do ser humano e a "carne" do mundo, algo que se concretiza em elementos como a cor vermelha, a lã e o filme plástico.

O conceito de "pelissidade", que introduzi nesta pesquisa, pode ser entendido à luz das ideias de Le Breton. Ele descreve o corpo como um "prolongamento do mundo" e um filtro de significados culturais. Nesse sentido, a pele se torna não apenas uma parte física do corpo, mas uma interface sensível que conecta o interior ao exterior, sendo o meio pelo qual o sujeito vivencia e ressignifica o mundo ao seu redor. Meus trabalhos exploram essa ideia ao tratar a pele como algo visível e invisível, conectando o corpo a experiências de dor, pertencimento e transformação simbólica. Além disso, Le Breton (2016) destaca que os sentidos, como a visão, o tato e o olfato, são filtros culturais que moldam nossa percepção da realidade. Esse conceito se alinha com minhas performances, que utilizam materiais sensoriais como a pressão sobre a pele, a textura e a cor, para conceber experiências com o espaço e o corpo. Essas performances ampliam o conceito de corporeidade que mencionei na introdução, sugerindo que o corpo não é um simples receptor passivo, mas um agente ativo que modifica o mundo ao seu redor, atravessando limites físicos e simbólicos. Como Le Breton (2016) afirma, "o mundo é a emanação de um corpo que o penetra." (p. 11).

Portanto, ao conectar a compreensão do corpo como fenômeno cultural e social com minhas obras artísticas, chego à conclusão de que a corporeidade não é algo estático. Ao contrário, ela é dinâmica, sendo formada por camadas de significados e símbolos que se manifestam tanto nas experiências sensoriais quanto nas representações artísticas.

3. As Cinco Peles de *Hundertwasser* e o papel da pele na percepção do ser e do mundo

O artista austríaco Fritz Hundertwasser, em sua teoria das cinco peles, propõe uma abordagem sobre como o ser humano se relaciona com o ambiente. Suas "cinco peles" – epiderme, vestuário, casa, identidade social e mundo – são camadas interconectadas que, de acordo com ele, moldam nossa existência. Essas peles não são apenas divisórias físicas, mas também simbólicas, delineando uma rede complexa que conecta o corpo às dimensões sensoriais, emocionais e sociais da vida. Hundertwasser via essas camadas como elementos dinâmicos, sempre em interação, refletindo sua visão crítica à racionalidade e à simetria da modernidade, propondo uma visão de mundo orgânica, fluida e sensível, em busca de harmonia com a natureza. No centro dessa teoria, a pele – a primeira camada de interação com o mundo – desempenha um papel crucial. A epiderme, essa barreira renovável e sensível, não só protege o corpo, mas também é o meio através do qual percebemos e experimentamos o ambiente ao nosso redor. O filósofo Maurice Merleau-Ponty, em sua fenomenologia, nos ajuda a compreender essa relação entre corpo e mundo. Merleau-Ponty (2000) argumenta que o toque revela várias camadas de experiência: um toque nas coisas, um sentir passivo do corpo e, por fim, um toque no próprio tocar. Através da pele, o corpo não é apenas inserido no mundo; ele se torna uma entidade que simultaneamente percebe e é percebida. Isso significa que, ao tocarmos o mundo ao nosso redor, estamos também nos tocando, criando uma troca constante entre corpo e ambiente.

Fritz Hundertwasser explora essas múltiplas camadas ao enfatizar que o ser humano pertence a uma vasta rede de práticas e conhecimentos que moldam a maneira como vivemos e agimos. Sua metáfora das cinco peles sugere que todas as camadas, desde a epiderme até o mundo, participam de um ciclo constante de troca com o meio. A partir da pele, o corpo se desdobra em relação ao ambiente, questionando as fronteiras rígidas entre o ser humano e o mundo natural, e refletindo uma visão de interconexão entre todos os aspectos da vida humana e do planeta. Essa visão dialoga com as obras artísticas que eu elaborei, apontadas em *Peles Macias* e *Peles Ásperas*. As cinco peles de Hundertwasser servem como base teórica para entender as fronteiras entre corpo e ambiente em meus trabalhos. Em suas primeiras, segunda e terceira peles – a epiderme, o vestuário e a casa – Hundertwasser oferece um campo fértil para refletir sobre a presença do corpo no mundo e sua interação com o espaço que o envolve. Essas peles, ao serem exploradas no contexto da arte, demonstram como o corpo transcende sua materialidade e se torna um símbolo de relação e significação no espaço e no mundo.

Ao abordar a primeira pele, a epiderme, Hundertwasser a percebe como um limiar de troca entre o ser e o ambiente. É a partir dela que o indivíduo se conecta com o mundo e tem sua primeira percepção sensorial e simbólica da realidade. Essa ideia ecoa a fenomenologia de Merleau-Ponty, que vê a pele como uma interface que conecta o corpo ao mundo. A experiência do "tocar e ser tocado" nos torna conscientes não apenas do corpo, mas da reciprocidade da relação com o mundo. A pele, assim, se torna um campo sensorial e simbólico, permitindo que o ser humano se sinta parte do espaço ao redor, refletindo sobre sua identidade e a efemeridade de sua existência em um contexto mais amplo.

Quando Hundertwasser aborda sua segunda pele, o vestuário, ele vai além da função protetora da roupa e explora como a vestimenta simboliza a individualidade e a expressão do sujeito no mundo. Para ele, a roupa deve libertar, não uniformizar; deve desafiar a

massificação imposta pela sociedade moderna. Assim como a pele, o vestuário reflete a identidade e o estado emocional de quem o usa, funcionando como uma extensão do ser, uma "máscara" escolhida conscientemente para se relacionar com os outros e com o coletivo. Em minhas obras, o vestuário assume um papel simbólico que revela e esconde, representando a transição entre o íntimo e o social, o privado e o público. A terceira pele de Hundertwasser – a casa – nos leva ao espaço habitado, que ele via como uma extensão simbólica do corpo. Para Hundertwasser, a arquitetura deve seguir as formas orgânicas da natureza, desconstruindo a rigidez da linha reta e criando espaços que se moldem à vida e à criatividade. A casa, nesse sentido, não é apenas um local de proteção, mas também de interação com o ambiente natural. Aqui, o corpo se encontra com o espaço em um diálogo contínuo entre o humano e o não-humano, o físico e o simbólico. Essa conexão se reflete em obras de artistas como Ernesto Neto e Chiharu Shiota, cujas instalações criam uma imersão sensorial que envolve o espectador em uma experiência corporal e emocional do espaço. No trabalho de Neto, a "pele" das instalações escultóricas se torna quase uma segunda pele para o visitante, enquanto, em Shiota, os fios vermelhos evocam redes de memória e identidade, criando um ambiente sensorialmente envolvente.

Em suma, as cinco peles de Hundertwasser nos oferecem uma visão integrada da existência humana como uma série de camadas que se entrelaçam, conectando o corpo ao espaço, à cultura e ao meio ambiente. Ao analisar essa teoria no contexto das práticas artísticas contemporâneas, vejo como esses conceitos continuam a se desdobrar em novas maneiras de expressão e reflexão sobre o corpo, a pele e o mundo. A poética do corpo que se revela por meio das peles – sejam elas físicas ou simbólicas – permanece um campo fecundo de investigação sobre a nossa condição de seres entrelaçados com o ambiente, com a arte e com a vida.

4. “Pelissidade” como matéria e símbolo corporal

A pele é a camada visível que nos aproxima e nos distingue, recobrando nosso corpo com múltiplas funções, como regulação térmica e percepção tátil. No entanto, devido à sua visibilidade, a pele transcende seu papel biológico e torna-se um “texto” que continuamente escreve e reescreve significados sobre si mesma. Neste artigo, proponho o conceito de “pelissidade” como matéria simbólica no meu trabalho artístico, expandindo a compreensão da pele para além de sua fisicalidade e transformando-a em símbolo, linguagem e superfície de inscrição. Para essa análise, utilizo a alegoria do corpo-casca articulada pelas “cinco peles” de Hundertwasser (1983/1996), concentrando-me nas três primeiras: epiderme, vestuário e casa, que estão diretamente relacionadas ao escopo da pesquisa.

Jeudy (1998) descreve a pele como um “‘existir’ que se dá a ler, a ver e a tocar” (p. 27), sugerindo que ela é uma superfície que medeia o “eu-dentro” e o “eu-fora”. Assim, a pele não apenas protege o corpo, mas também funciona como um espaço de autoinscrição. Suas marcas, cicatrizes e rugas se tornam testemunhos visíveis da percepção corporal. Em meu trabalho, esse pensamento encontra eco em obras como Casa Fragmentada (2016), Este Produto Contém (2016) e Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1 (2018). Essas obras utilizam materiais como a cor vermelha, lã e plástico filme, elementos que evocam e ampliam a noção de “pelissidade”.

A materialidade nesses trabalhos é explorada poeticamente, concebendo experiências sensoriais que transformam o físico em algo simbólico. O plástico filme, por exemplo, com sua transparência e flexibilidade, reflete a dualidade da pele como proteção e fragilidade. Já

a lã vermelha adiciona uma dimensão tátil e emocional, remetendo ao calor e à intimidade, enquanto o vermelho, com seu simbolismo intenso, desperta associações como paixão, perigo e vitalidade. Ao mesmo tempo que se consagra como a cor que está intimamente ligada ao sangue e a carne. Esses elementos dialogam diretamente com o corpo, propondo que a pele, tanto física quanto simbolicamente, seja vista como uma superfície de sensibilidade, memória e identidade. Dessa maneira, o conceito de “pelissidade” que proponho sugere que a pele não apenas protege o corpo, mas também participa de uma troca contínua entre o ser humano e o mundo ao redor.

Peles Macias

Eu exploro, em minhas obras “Casa Fragmentada” (2016), “Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1” (2018) e “Desalinhamento Estrutural” (2020), uma fenomenologia dos sentidos que transcende a superfície do corpo, enfatizando materialidades invisíveis intensificadas pela cor vermelha. Esses trabalhos investigam as múltiplas camadas da corporeidade e seus significados simbólicos na sociedade contemporânea.

Em “Casa Fragmentada”, desenvolvi uma série composta por três fotografias e uma vídeo-performance. O uso do plástico filme simboliza uma “primeira pele”, uma camada protetora que aquece e expande, proporcionando conforto ao que abriga. Este material é uma metáfora para a relação entre corpo e identidade, funcionando como uma segunda pele que se molda ao corpo, em diálogo com Hundertwasser, que descreve as peles como maneiras temporárias de habitar (Hundertwasser, 1997). Durante a mini-residência com Rubiane Maia e Manuel Vason, registei movimentos e ações em esboços que culminaram em um “ato-forma”^[7], representando um processo de metamorfose que sugere uma ruptura com o que protege, num ato de “descarnação”.



^[7] Desenvolvi o conceito de “Ato-forma” em minha dissertação “A existência é corporal: o encontro da poética pessoal com as peles de Hundertwasser” para designar uma sequência de atos gestuais que resultam em ações e gestos. Esse conceito foi elaborado a partir de estudos de forma, contexto e experiências gestuais que exprimem as sincronicidades.

O uso do plástico filme como elemento performático em meu trabalho expõe a fragilidade das proteções que construímos ao nosso redor. Ao envolver meu corpo com um material industrial, descartável e sintético, questiono o valor atribuído àquilo que é visível e funcional. No contexto atual, em que o corpo é constantemente higienizado, moldado e embalado para o consumo, o plástico filme evoca uma "segunda pele" que parece proteger, mas ao mesmo tempo sufoca. A tensão entre conforto e aprisionamento reflete o dilema moderno da autoimagem: enquanto buscamos segurança, frequentemente nos aprisionamos em estereótipos de beleza, saúde e comportamento. O impacto desse trabalho, para mim, reside na sua capacidade de desestabilizar o espectador, convidando-o a repensar a relação entre vulnerabilidade e controle em uma sociedade que privilegia aparências em detrimento de experiências autênticas. Em "Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1" (2018), apresentei uma instalação sensorial composta por lãs vermelhas e grãos de arroz, acompanhada de vídeos-performance que abordam os verbos, vestir e comer. A experiência imersiva convida os participantes a sentir o espaço e refletir sobre os elementos que cercam o corpo e a identidade, como a linha vermelha que ora veste, ora alimenta, explorada na vídeo-performance. A cor, nesse contexto, intensifica a experiência sensorial e estabelece uma conexão visceral com a corporeidade.



Aprofundo o papel do corpo como mediador sensorial e emocional neste trabalho. O espaço da instalação, com a lã vermelha e os grãos de arroz ao chão, oferece uma imersão tátil e sensorial que é, ao mesmo tempo, íntima e desafiadora. O vermelho – cor da carne, do sangue e das emoções intensas – atua como um catalisador para reconectar os participantes ao que é visceral e essencial. O contraste entre o toque macio da lã e a rigidez dos grãos de arroz cria um campo simbólico de tensões: entre conforto e desconforto, suavidade e dureza, orgânico e fabricado.

Essa obra configura-se ainda como uma crítica implícita à cultura digital, onde as experiências são mediadas por telas e dispositivos, sugerindo um retorno ao toque, ao físico e ao imediato como maneiras de resistência. No meu trabalho "Desalinhamento Estrutural" (2020), utilizei trípticos fotográficos e vídeo-performance para explorar relações de poder e submissão. A linha vermelha é moldada e manipulada como uma metáfora para as trocas simbólicas entre o interno e o externo. Essa conexão é marcada pela cor vermelha, que, como destacado por Merleau-Ponty (2000), é uma "textura que regressa a si mesma" (p. 144), estabelecendo um elo entre carne, sangue e sentidos. Em "Desalinhamento Estrutural",

trouxe à tona as dinâmicas de poder que atravessam os corpos. A linha vermelha, que conecta e fragmenta o meu corpo, funciona como uma metáfora para as forças invisíveis – políticas, culturais e sociais – que moldam as subjetividades contemporâneas. As posições do corpo, ora submissas, ora resistentes, evocam questões sobre controle e agência. Em um mundo onde o corpo é constantemente regulado e monitorado – seja por normas de comportamento, padrões de consumo ou tecnologias de vigilância – esse trabalho revela as contradições de um corpo que tenta ser livre, mas permanece emaranhado em estruturas opressivas. O significado dessa série está na maneira como ela expõe a dualidade do corpo contemporâneo: ao mesmo tempo que é um espaço de resistência e criação, também é um local de dominação e alienação.



Os três trabalhos apresentados, interligados pela presença da cor vermelha, concebem uma narrativa que explora o corpo como campo de tensões e significados. O vermelho, símbolo de vida e intensidade, é também um marcador de limites e rupturas. Ele conecta os trabalhos a temas fundamentais como a visceralidade, a efemeridade e a humanidade. O corpo, nestas obras, é apresentado como mais do que um veículo de expressão: ele é a própria matéria-prima da arte, o espaço onde as contradições do mundo contemporâneo se manifestam de maneira mais crua e direta. Em uma era marcada pela virtualização da vida, onde as experiências físicas são frequentemente substituídas por simulacros digitais, essas performances e instalações oferecem um convite para a reconexão com o tátil, com o emocional e com o humano. Além disso, elas trazem à tona questões cruciais sobre as maneiras como os corpos são moldados pelas forças do capitalismo, da tecnologia e das normas sociais. Em última análise, “Casa Fragmentada”, o corpo denuncia a superficialidade das proteções modernas. Em “Processos Investigativos”, ele se reconecta ao que é essencial e visceral. Em “Desalinhamento Estrutural”, ele se torna um campo de luta, um lugar onde poder e liberdade se entrelaçam. Assim, o trabalho não apenas reflete a sociedade contemporânea, mas também a questiona e propõe alternativas, utilizando o corpo como o canal por excelência para essa transformação.



Peles Ásperas

Em minha prática artística, a série *Plastic Film* (2016), que inclui a vídeo-performance Editorial de Autodestruição e o díptico fotográfico Este produto contém, representa uma reflexão sobre a transformação da identidade e a tensão entre o corpo e os dispositivos que o moldam. O processo de envolver o corpo com filme plástico, um material industrial e descartável, reflete as pressões da sociedade contemporânea sobre a aparência e a identidade. Em Editorial de Autodestruição^[8], o performer se apresenta diante de uma câmera que não apenas regista suas ações, mas também captura uma atmosfera pesada e angustiante.

A filmagem é direta, seca, sem fôlego, e a interação com o plástico, que se adere ao rosto e o distorce, sugere um processo de sufocamento – não apenas físico, mas também existencial. Esse sufocamento simbólico pode ser lido como uma metáfora da sociedade atual, onde a identidade está constantemente sendo formada, reformada e muitas vezes comprimida por expectativas externas. Os gestos repetitivos das minhas mãos – ora lentos, ora rápidos – mostram um corpo em luta, tentando escapar daquilo que o aprisiona. Este processo de transformação do rosto, ou da identidade, revela como a sociedade capitalista impõe modelos rígidos e uniformizados, aprisionando o indivíduo em uma constante busca por pertencimento e conformidade.

 ^[8] Cóser, João. Editorial de Autodestruição. 2016. Vídeo-performance, 5' 42". Acervo particular. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3K3_YU_I8PQ. Acesso em: 03 dez. 2024.



Em “Este produto contém”, o díptico fotográfico amplia essa reflexão, capturando imagens em uma tela de computador e transformando-as em algo distorcido e fragmentado. As imagens, em seus pixels, se tornam representações digitais de um corpo e uma identidade que são desconstruídos e distorcidos pela lente tecnológica. Aqui, a obra reflete sobre como a tecnologia e os meios de comunicação moldam a percepção da identidade, muitas vezes tornando-a uma mercadoria. A boca envolvida em plástico é um símbolo claro dessa dualidade: de um lado, a necessidade de respirar, de viver, e, do outro, a asfixia causada pelas expectativas e pressões externas.

Esses trabalhos, no entanto, vão além de uma simples crítica à sociedade de consumo. Elas nos provocam a pensar sobre as relações entre corpo, identidade e poder. O uso de elementos como o plástico e a tecnologia não é apenas uma maneira de criar imagens viscerais, mas também uma maneira de expor a dinâmica entre o corpo e as forças que tentam controlá-lo. O corpo, nesse contexto, é simultaneamente sujeito e objeto de transformação: ele é manipulado, mas também resiste, busca maneiras de subverter essas camadas que o oprimem.

O conceito de controle social e a imposição de uma identidade padronizada são abordados, de certa maneira, através da reflexão de Bauman (2007) sobre a modernidade líquida e a constante instabilidade das relações sociais. Em seu trabalho, Bauman (2007) sugere que na sociedade atual a velocidade e a mudança constante são as forças que regem nossas vidas. As identidades, assim como o corpo, são fragmentadas e moldadas por essas forças externas. “Este produto contém”, com sua captura do corpo (des)figurado, questiona essa dinâmica de controle e oferece uma resposta, ao mesmo tempo crítica e poética, sobre a possibilidade de resistir a esse processo de constante transformação.

As camadas de plástico e as imagens digitais capturam a fragilidade e a superficialidade dessa relação com o corpo na sociedade contemporânea. Editorial de Autodestruição nos provoca a refletir sobre as fronteiras entre o corpo e o mundo que o envolve, enquanto Este produto contém desafia o espectador a perceber o corpo não como uma unidade sólida e imutável, mas como um espaço de tensões, de resistência e de transformação. Em um mundo onde a identidade é constantemente fabricada e reconfigurada, essas obras não apenas questionam a objetificação do corpo, mas também propõem uma reflexão mais profunda sobre a possibilidade de reconstruir essa identidade de maneira autêntica.

Em última análise, essas obras são um convite a olhar para o corpo de uma nova maneira, a reconhecer as forças que o formam e a resistir aos moldes que tentam defini-lo. Elas nos lembram que, em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia e pelo consumo, o corpo ainda é, e sempre será, um campo de luta, de ressignificação e, acima de tudo, de liberdade.

5. Considerações finais

A elaboração deste artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado e representa uma oportunidade de revisitar trabalhos artísticos realizados anteriormente, ressignificando-os e propondo um novo olhar. Ao selecionar essas obras, decidi organizá-las em dois eixos: Peles Macias e Peles Ásperas. Essa escolha não foi apenas uma maneira de categorizar as produções, mas também uma maneira de revelar os elos comuns entre elas, como a presença de materiais específicos — a cor vermelha, a lã e o filme plástico. Esses elementos, para mim, funcionam como uma metáfora para a pele: uma camada que protege, mas que também conta histórias, carrega identidades e expressa experiências que nos tornam quem somos.

Na minha prática artística, essas peles se tornam um ponto de encontro entre o eu e o outro, manifestando-se de maneiras diferentes em cada obra. Minha vivência e a relação com o mundo sempre influenciaram esses trabalhos, pois acredito que cada experiência é única e subjetiva, desafiando qualquer ideia de universalidade. Assim, ao analisar os processos criativos por trás das obras, percebo como eles refletem não apenas minha trajetória como artista, mas também minha compreensão do mundo ao longo do tempo. Cada obra é um fragmento dessa jornada.

Os eixos de Peles Macias e Peles Ásperas dialogam diretamente com as Cinco Peles de *Hundertwasser*, um conceito que eu me apropriei para pensar meus trabalhos. Essa referência me ajudou a rearticular minhas experiências, promovendo uma espécie de reencontro com os processos criativos de cada trabalho. Obras como Casa Fragmentada (2016), Este Produto Contém (2016), Editorial de Autodestruição (2016), Processos Investigativos: Mergulho do Corpo - Parte 1 (2018) e Desalinhamento Estrutural (2020) ganharam novos significados ao serem revisitadas, revelando narrativas que eu talvez não tivesse percebido em suas concepções originais. Esse reencontro também me levou a refletir sobre como cada trabalho explora a corporeidade, a relação com o espaço e a maneira como a "pele" se torna um ponto de conexão entre o interno e o externo.

No fundo, acredito que nossa existência está profundamente ligada ao corpo. Minha prática artística busca explorar isso: como o corpo — e especialmente a pele — atua como um limite, mas também como uma interface que nos conecta ao mundo. Revisitar esses trabalhos me fez perceber como minha poética pessoal está alinhada às reflexões de

Hundertwasser. Ele via a pele como mais do que uma simples camada; para ele, era uma representação de identidade, de proteção e de pertencimento. Esse diálogo me levou a valorizar ainda mais a corporeidade e a subjetividade presentes nas minhas obras, reforçando a ideia de que arte e vida são inseparáveis. Ao final dessa jornada de resignificação, sinto que ampliei minha compreensão das obras e, ao mesmo tempo, fortaleço minha conexão com as vivências e histórias que elas expressam. Essa conexão entre a prática artística e a experiência humana é, para mim, a essência do que significa criar arte.

Agradecimento

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Universidade Federal do Espírito Santo por fornecer um ambiente acadêmico estimulante e enriquecedor, que tem sido fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa e prática artística. Agradeço também à CAPES pelo apoio contínuo à educação e à pesquisa no Brasil, proporcionando recursos essenciais que permitem a realização de projetos significativos. Além disso, agradeço ao Edital de Seleção de Projetos Nº 02/2023, que possibilitou minha participação neste congresso por meio do financiamento para locomoção. Esse apoio é crucial para a circulação e o intercâmbio de profissionais do setor cultural do Espírito Santo, promovendo um diálogo rico e diversificado nas artes e na cultura. Estou imensamente grato por todas as oportunidades que essas instituições me proporcionaram.

Referências bibliográficas

Bauman, Z. (2017). *Vida líquida*. Zahar.

Jeudy, H.-P. (2002). *O corpo como objeto de arte*. Estação Liberdade.

Le Breton, D. (2012). *A sociologia do corpo*. Vozes.

Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Vozes.

Merleau-Ponty, M. (2000). *O visível e o invisível*. Perspectiva.

Restany, P. (2003). *Hundertwasser: O pintor-rei das cinco peles: O poder da arte*. Taschen.

João Coser, Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: artistjoaocoser@gmail.com







